



# Atendendo irmãos na clínica fonoaudiológica – algumas reflexões

Brothers as patients at speech therapy clinic – reflections

Atendiendo hermanos en fonoaudiología clínica - algunas reflexiones

Ana Clélia O. Rocha\*

Marta G. G. Baptista\*\*

Suzana M. Maia\*\*\*

Beatriz C. A. C. Novaes\*\*\*

## Resumo

O atendimento a irmãos é algo que provoca reflexões na área terapêutica. É comum uma mesma família buscar tratamento para outro filho com o profissional já conhecido com quem se construiu uma relação de confiança. Mas o fonoaudiológico clínico deve estar advertido de que os efeitos desse trabalho podem ser contrários aos esperados para o tratamento. Não é o mesmo atender irmãos na clínica médica, odontológica, na terapêutica. Algumas áreas como a da Psicologia e da Psicanálise tem isso bem definido, mas a Fonoaudiologia ainda não. Fonoaudiólogos atendem irmãos simultaneamente, o que provoca um movimento muitas vezes contraditório para o tratamento, resultando em resistência, desistência ou troca de terapeuta. Propomos discutir alguns aspectos sobre a questão do atendimento para irmãos em fonoterapia, considerando as histórias e singularidades dos sujeitos e ainda refletir quando pode, ou não, ser indicado esse tipo de atendimento a partir da transferência e do setting estabelecido em algumas experiências clínicas.

**Palavras-chave:** fonoterapia; atendimento a irmãos; distúrbios da fala.

\* Doutora em Fonoaudiologia pela PUC-SP \*\*Doutoranda do Programa de Estudos Pós Graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP. \*\*\* Professora titular da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP

## Abstract

*The attendance of brothers is something that has led to reflections on the speech therapy area. It is usual for a family to search treatment for another child with the professional with whom the family has built a relationship of trust. But the speech therapist must be warned that the effects of this work may not be the expected treatment. The attendance of brothers in the speech therapy area is not the same as on the medical or dental therapy. Some areas as psychology and psychoanalysis have well defined these procedures, but they have not yet been established in the speech therapy area. Speech therapy professionals attend brothers simultaneously, causing resistance movements, withdraw or change of therapist. We propose to discuss some aspects on this issue, considering the history and uniqueness of individuals, and reflections about when this kind of attendance is indicated, beginning with the link and setting based on the experiences from clinical trials.*

**Keywords:** *speech therapy, attendance of brothers; speech disorders.*

## Resumen

*El tratamiento de hermanos es algo que provoca reflexiones en el área terapéutico. Es común en una misma familia que se busque tratamiento para mas de un hijo con el profesional ya conocido con quien se construyó una relación de confianza. Pero el fonoaudiólogo clínico debe estar advertido que los efectos de ese trabajo pueden ser contrarios a los esperados. No es lo mismo atender hermanos en la clínica médica, en la odontológica, y en el campo terapéutico. Algunas áreas como la de psicología y de psicoanálisis tienen eso bien definido, pero la Fonoaudiología todavía no lo tiene. Fonoaudiólogos atienden hermanos simultáneamente lo que provoca un movimiento muchas veces contradictorio para el tratamiento, resultando en resistencia, retiro o cambio de terapeuta. Proponemos la discusión de algunos aspectos sobre el tema del tratamiento de hermanos en monoterapia, teniendo en cuenta las historias y singularidades de los sujetos y aún reflejar sobre cuando se puede o no indicar ese tipo de atención, a partir de la transferencia y del setting establecido en algunas experiencias clínicas.*

**Palabras clave:** *terapia del habla; atendimento a hermanos; disturbios del habla..*

Iniciamos este texto a partir de uma referência sobre os laços fraternos onde Anna Freud destaca, a partir da posição de Freud, que a relação da criança com seus irmãos está subordinada e depende da relação com os pais. As relações entre os irmãos são governadas por atitudes de rivalidade, de ambição, de inveja e de competição pelo amor dos pais (2011, p.23)<sup>1</sup>. Afirmção tão contundente e real é citada pela autora e vivenciada no exercício da clínica psicanalítica e também na fonoaudiológica. Se observarmos irmãos numa cena comum de sala de espera, por exemplo, é possível identificar rapidamente algumas dessas manifestações enquanto aguardam sua vez para o atendimento clínico.

No filme TOMBOY, recente produção francesa da diretora Celine Scianma (2011) que trata sobre questões da infância, deparamo-nos com a relação de irmãs cúmplices ligadas pelo amor fraterno, mas que, sem dúvida, também manifestam rivalidade e ciúmes na relação entre elas. Há diversas nuances a

ser pensadas na relação entre irmãos que devem ser consideradas nos trabalhos realizados com famílias, o que merece reflexão, não só no espaço clínico, mas também no escolar e no social.

O complexo fraterno vai além das relações dos laços fraternos, pois considera as diversas experiências que se estabelecem, tanto na relação com os pais, como na relação com os irmãos e com as irmãs. Depende do número de irmãos, se é o segundo ou o terceiro filho, qual o sexo, a diferença de idade entre os irmãos.

O autor René Kaës, na publicação “O Complexo Fraterno”<sup>1</sup>, retoma a questão sobre a fratria considerando que psicanalistas como Freud, M.Klein e Lacan estudaram o assunto contribuindo de modos diferentes. Em sua publicação sobre o tema, destaca a importância retomada desde Freud do papel desempenhado nos laços fraternos para depois vivenciar a construção dos laços sociais. O nascimento de um irmão, para este autor, faz

rever a posição da criança na relação com seus pais e seus papéis, que lugar passa a ocupar e o que essa nova condição promove psiquicamente nas relações parentais.

Podemos ainda incluir as questões culturais a partir do entendimento do complexo fraterno, onde encontraremos dramas como o de Édipo, ou ainda de Electra e Orestes. Uma variedade de figuras mitológicas está relacionada a este complexo. Como exemplo, encontramos na Bíblia: Caim e Abel, Esaú e Jacó ou na mitologia grega: Eros e Hermafrodito, Antígona e Ismene, entre outros, que espelham as vicissitudes contidas nessas relações. No livro, “O Complexo Fraterno”<sup>1</sup>, Kaës nos recorda que os Contos mantêm sua longevidade, pois tratam de questões que pertencem ao universo familiar e a fratria é um grupo dentro desse universo.

Dadas a riqueza e complexidade do tema, ele pode ser abordado em inúmeras dimensões. Aqui será tratado no campo da clínica fonoaudiológica em seu âmbito terapêutico.

Na clínica fonoaudiológica, é comum sermos procurados por familiares de crianças por nós atendidas, na busca de tratamento para irmãos, primos, sobrinhos, etc., pois o vínculo e a transferência<sup>2</sup> estabelecida com os pais (família) apontam para uma relação de confiança que se constrói ao longo da terapia, e é natural este tipo de demanda. Quais seriam as implicações que estariam contidas caso o fonoaudiólogo atendesse um irmão ou membros da mesma família? A confiança constituída no profissional pode ajudá-lo a manejar a situação de tal maneira, que a privacidade de cada espaço terapêutico possa ser mantida e as singularidades de cada paciente respeitadas, optando por atender ou encaminhar a colegas. É possível, e indicado, que o mesmo fonoaudiólogo atenda mais que um filho de um casal? E quando esse pedido é de atendimento para o irmão do paciente que está atualmente em tratamento? Como manejar casos em que os pais elegem um filho para iniciar o tratamento, mas o outro filho também apresenta queixas fonoaudiológicas e isso foi anunciado desde as primeiras entrevistas?

Esses são alguns dos impasses que, particularmente na clínica fonoaudiológica, devem ser pensados. A indicação e confiança que se apresentam num primeiro momento, nem sempre podem resultar num bom trabalho, ou garantir que aconteça bom vínculo, economia de tempo, ou que

seja um investimento garantido. As possibilidades de irmãos precisarem de um mesmo tipo de atendimento, no caso o fonoaudiológico, devido a questões de hereditariedade, por exemplo, são mais frequentes que imaginamos.

Recebemos ainda casos encaminhados pelo ortodontista, especialista que se dedica a mais de um membro da mesma família regularmente. Mas há particularidades no atendimento fonoaudiológico relacionadas à transferência que se estabelecem e que necessitam ser consideradas.

Comparada com uma falsa ligação, o termo transferência revela o envolvimento que o analista tem na psicanálise de um sujeito, segundo o dicionário enciclopédico de psicanálise<sup>3</sup>. Descrito de outro modo, o termo transferência, cunhado por Freud (desde 1888) ao construir o método psicanalítico, tem um sentido temporal, pois significa que afetos que não puderam ser elaborados ao longo da vida, principalmente na primeira infância, são transferidos ao analista, que os acolhe e trabalha nesta perspectiva para auxiliar a possibilidade do paciente de elaborá-los e, assim, não precisar repeti-los em outras relações.

Outros autores, na Psicanálise, atribuíram sentidos diferentes à transferência, base da clínica psicanalítica, mas todos concordam que a relação entre o par analítico é carregada de projeções por parte do analisando que, na maioria das vezes, nada tem a ver com a pessoa do analista. A transferência na clínica<sup>4</sup> acontece a partir de uma demanda estabelecida por parte do sujeito que procura ajuda e, portanto, não ocorre apenas no âmbito psicanalítico.

É importante que o fonoaudiólogo compreenda este processo para que se posicione diante de seu paciente, reconhecendo sua singularidade e necessidades, para que possa se tornar um Outro significativo e confiável, muitas vezes experiência inédita na vida das pessoas. Este inter-jogo, pode também envolver toda a família, no caso do fonoaudiólogo que trabalha com crianças pequenas; o atendimento a irmãos pode ser prejudicado dependendo do setting que é oferecido para isso. Para situar o tema no âmbito da literatura, pesquisamos nas bases eletrônicas LILAC’S e SCIELO, usando como vetores as palavras “atendimento fonoaudiológico a irmãos”, “fonoaudiologia para irmãos”, “fonoterapia para irmãos” entre os anos de 2006 a 2011 nas principais revistas científicas

da área fonoaudiológica no Brasil, a saber: DIC, SBFA, JSBFA, CEFAC e PRO – FONOS<sup>5</sup>.

Nessa pesquisa foram encontrados estudos sobre atendimento a irmãos, porém com destaque para pacientes com problemas orgânicos, por exemplo, nos casos de síndromes<sup>6,7,8</sup>, de deficiência auditiva<sup>9</sup>, para pacientes gêmeos que apresentavam atrasos de linguagem<sup>10,11,12</sup> e para irmãos participando da terapia de irmãos<sup>13,14,15</sup>.

Pretendemos problematizar a questão abordada no texto a partir de algumas experiências clínicas que envolvem irmãos. Na sequência, coletamos algumas situações clínicas emblemáticas das vicissitudes que o atendimento para irmãos apresenta na clínica fonoaudiológica.

### Caso A – irmãos J. e L.

A mãe procurou a fonoaudióloga quando o pequeno J., na época com dois anos, não falava nada. Sua irmã estava para nascer o que provocou em sua mãe preocupação, pois em breve se encontraria com dois bebês. Ele fez fonoterapia e avançou com o trabalho. Nesse momento acabava de completar quatro anos e seu processo de aquisição de linguagem estava praticamente concluído. Resolveu-se fazer um intervalo, pois era possível aguardar o seguimento da construção de sua linguagem, compreendendo que se tratava de uma criança pequena e que a linguagem de uma criança se estrutura, respeitando uma abordagem interacionista, nas relações com o outro interlocutor. Para caminhar em suas elaborações linguísticas esse tempo se faz necessário e nesse momento era possível que o interlocutor fosse a mãe, o pai, a família. Portanto J. precisava do outro para interagir e, nessa relação, caminhar com sua linguagem<sup>16</sup>.

Quando retornou para reavaliação, com cinco anos, foi necessário seguir com a fonoterapia porque os fonemas que faltavam não foram adquiridos nesse tempo. Simultaneamente, surgem as dúvidas com relação à irmã menor que também apresentava dificuldades na fala. A pedido da família, a mesma fonoaudióloga que tratou do menino avaliou a irmã menor, entendendo que como as queixas eram similares, seria importante compreender o que acontecia nessa família, uma vez que, na história progressiva da queixa de J. compareciam dados de hereditariedade da família materna. Após a avaliação, se concluiu que a irmã de J., L., manifestava um quadro muito semelhante ao do irmão na mesma idade.

Surge uma questão central: se a irmã também era caso para fonoterapia, quem a atenderia? A mesma terapeuta que atendeu seu irmão, dado o vínculo estabelecido com os pais? Qual seria a conduta que mais beneficiaria a criança e sua família? .

Analisando o caso desses irmãos foi possível retomar alguns pontos fundamentais para pensar a melhor direção para o tratamento. O que se destacava na relação entre esses irmãos era a competição: o homem, a mulher, o mais inteligente, o mais esperto, o mais rápido entre outros, o que era reforçado pelos pais e pela família. O fato de estarem sendo trabalhados por uma mesma fonoaudióloga não poderia reforçar ainda mais essa manifestação? Quem avançaria primeiro, uma vez que estariam com a mesma fonoaudióloga? Em nada o compartilhar a mesma terapeuta poderia ajudar essas crianças, mesmo que em tempos diferentes, necessitadas de lugares distintos para estabelecer suas singularidades e poderem se relacionar entre si. Os pais também precisariam ser trabalhados para que esta relação pudesse ser mais aprofundada e respeitosa, na diferenciação entre as crianças.

O retorno do menino para fonoterapia tinha objetivos diferentes do primeiro tempo de trabalho e isso permitiu que a fonoaudióloga, que o atendera no passado, pudesse encaminhá-lo a uma colega que se dedicaria ao tratamento dos distúrbios articulatorios que ele manifestava naquele momento. Paralelamente, foi realizado um trabalho com os pais para que compreendessem a necessidade de singularidade de cada filho. Esse encaminhamento permitiu que L. fosse então atendida pela fonoaudióloga que tratou de J. quando menor, o que tranquilizou os pais.

### Caso B – irmãs G. e M.

Esse caso de irmãs gêmeas de quatro anos era marcado pelo lugar de oposição que uma tinha em relação à outra. Uma era rápida, a outra mais lenta, uma comia tudo, a outra não, uma falava bem, a outra com trocas, uma era loira e a outra morena, uma tinha a audição perfeita, a outra quadros de otite de repetição, uma tinha amigos e a outra não.

Gêmeas que ocupavam lugares opostos pela posição em que eram colocadas na relação parental: a mãe se identificava com uma, o pai com a outra. Aquilo que deveria ser considerado como diferença, era sempre visto em espelho, pois o olhar dos pais refletia unicamente a oposição. Esta



condição delicada dificultava declarar as diferenças como algo saudável, explicitando a necessidade de separação das irmãs.

Uma das meninas iniciou a fonoterapia, encaminhada pela psicanalista que a atendia, porque trocava fonemas. Logo a mãe reclamou que a outra filha projetava a língua para falar e pediu que a mesma fonoaudióloga a avaliasse. Novamente é declarada, por parte da mãe, a inevitável comparação entre as irmãs gêmeas. Porém, desta vez, foi possível marcar algo diferente: ambas apresentavam questões de fala, não marcadas pela oposição. Eram questões singulares que necessitavam de um trabalho atento e individualizado.

Complicado manejo, porém analisando a história das duas meninas, foi possível trabalhar em transferência a possibilidade de acompanhar primeiro uma irmã e mais tarde a outra, na tentativa de não patologizar algo fora do tempo, pois ainda havia a necessidade de uma intervenção ortodôntica. Assim, foi possível não colocá-las em comparação, e, conseqüentemente em competição, pois se estivessem sendo tratadas simultaneamente pela mesma profissional, correríamos esse risco.

### **Caso C – irmãs B. e G**

Outro caso de gêmeas, onde uma delas não respondeu ao desenvolvimento dentro da idade. Uma sempre “colada” à outra, não faziam nada sozinhas. Quando a primeira precisou de tratamento fonoaudiológico, devido a atraso na aquisição da fala e linguagem, era o esperado. Quando a outra filha começou a manifestar dificuldades na escrita, os pais se surpreenderam e pela primeira vez foi possível fazer a separação das duas filhas. Foi fundamental marcar o lugar singular de cada uma para que suas subjetividades fossem respeitadas..

Para tanto, foram trabalhadas por duas fonoaudiólogas, com frequências e tempos diferentes de tratamento. Um marco fundamental na direção da separação que deveria acontecer para que ganhassem individualidade e autonomia. O resultado foi notório em pouco tempo, o que permitiu que seguissem separadas..

### **Considerações finais**

Os resultados desta pesquisa, apesar da baixa freqüência acreditamos que é possível atender irmãos em alguns casos, com os devidos cuidados, se esta for

a solução mais compatível para o atendimento da necessidade da criança e de sua família. O essencial é refletir e analisar sobre cada caso, inserido em uma determinada história e família e não pertencendo a uma categoria - a dos irmãos.

A terapia para irmãos, realizada por um mesmo fonoaudiólogo, deve ser pensada na particularidade da relação que foi construída com a criança e sua família, respeitando a transferência estabelecida, importante ferramenta no manejo terapêutico, e a partir deste prisma ser tomada a melhor direção do tratamento.



## Referências Bibliográficas

1. Kaës, R. A especificidade do Complexo Fraterno. In: O Complexo Fraterno. Kaës, R. São Paulo, Ed. Idéias & Letras, 2011. pp 23-37.
2. Vorcaro, A. A transferência na clínica com crianças. In: Crianças na psicanálise – clínica instituição e laço social. Vorcaro, A. Rio de Janeiro, Ed. Companhia de Freud, 2005. pp.59-75.
3. Kaufmann, P. Dicionário enciclopédico de Psicanálise – o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1993.
4. Gueller, A.S. Demanda e transferência no tratamento psicanalítico de crianças. In: Atendimento psicanalítico de crianças. Gueller, A.S. e cols. São Paulo, Ed. Zagodoni, 2011. pp16-55.
5. Revistas: Distúrbios da Comunicação (DIC); Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFA); Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (JSBFA); Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica (CEFAC); Pró- fono.
6. Garcia, R.; Rossi, N.F.; Giacheti, F.M. Perfil de habilidades de comunicação de dois irmãos com a Síndrome Alcoólica Fetal. In: Revista CEFAC. 2007; 9(4) : 461-8.
7. Flabiano, F.C.; Limongi, S.C.O. Relação entre os gestos e a linguagem oral em um par de gêmeos com Síndrome de Down. In: Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. 2006; 11(2):116-123.
8. Flabiano, F.C.; Buhler, K.E.C.B.; Limongi, S.C.O. Desenvolvimento cognitivo de linguagem expressiva em um par de gêmeos dizigóticos: influência da síndrome de Down e da prematuridade associada ao muito baixo peso. In: Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. 2009; 14(2):267-274.
9. Azevedo, M.F. et al. Achados audiológicos e linguagem em gêmeos regurgitadores. In : Revista CEFAC. 2009; 11(3):353-360..
10. Weber, D.E.; Vares, M.A.; Mota, H.B.; Keske-Soares, M. Desenvolvimento do sistema fonológico de gêmeos monozigóticos com desvio fonológico: correlação a fatores genéticos e ambientais. In Revista CEFAC. 2007; 9(1):32-9.
11. Lamônica, D.A. et al. Desempenho comunicativo em tri-gêmeos prematuros. In : Revista CEFAC. 2008; 10(1):15-21.
12. Barbette, N.L.; Panhoca, I.; Zanolli, M.L. Sobre o desenvolvimento da linguagem de gêmeos monozigóticos. In: Revista CEFAC. 2009; 11( supl.2) : 154-160.
13. Brito, M.C.; Misquiatti, A.R.N. Terapia de Linguagem de irmãos com TID: estudo longitudinal. In: Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. 2010; 15(1):134-9.
14. Bargarollo, M.F.; Monteiro, M.I.B. Grupos de irmãos na clínica fonoaudiológica. In : Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2003; 8 (4):23-7.
15. Pagliari, K.C.; Keske-Soares, M.; Mota, H.B. Terapia fonoaudiológica em irmãos com diferentes graus de gravidade do desvio fonológico. In: Revista CEFAC. 2009; 11(1) :20-4.
16. Lemos, C.T.G. A sintaxe no espelho. Cadernos Linguísticos. IEL-UNICAMP, 1986; 10:5-15..

**Recebido em novembro/12; aprovado em setembro/13**

### Endereço para correspondência

Marta G. G. Baptista.  
R. Dr. Homem de Melo, 736 – Perdizes - SP  
Cep-05007-002  
F: 38652370  
**E-mail:** [martagimenezbap@uol.com.br](mailto:martagimenezbap@uol.com.br)